

# 1

Aos dezassete anos, alistei-me no Corpo Expedicionário Português. Por essa altura, tinha finalmente compreendido, embora a minha infância e adolescência tenham sido perpassadas por indícios cujo significado não soube ou não quis entender, ser *diferente* dos outros rapazes, ser diferente de todas as outras pessoas.

A crueza dessa evidência apresentava-se-me, a cada dia, mais vívida e irrefutável: por isso, o alistamento teve o sabor que teria para um condenado a notícia do seu indulto. Para que ninguém desconfiasse, aprendi a vestir a pele de uma personagem, uma espécie de figura de ópera bufa, cujo corpo era meu, grande e anguloso, e cujos sentimentos eram meros empréstimos, um pastiche dos das pessoas com quem me fora cruzando. Uma personagem dentro de uma outra – e não existe, posso garantir-vos, nada mais terrível.

Num jardim, em frente ao mar, há uma figueira cujas flores brancas, na Primavera, são nuvens e cujos figos maduros, pesados e chorosos, no Verão, são pássaros verdes com o bico, como o píncaro, de mel. Precedendo a arriba, alonga-se uma fila rasteira de piteiras cujos figos-da-índia são, na canícula, ouriços-do-mar, carnudos e alaranjados. Quando não estou a jardinar, poiso a minha pá reluzente, nova em folha, sento-me num banco, a suspirar à sombra dessa árvore esplêndida que dá nuvens miudinhas e pássaros aos cachos, trinco uma laranja aos gomos. Às vezes, recito um poema, belo e longo como o voo migratório das cegonhas. Embora o meu filho, Oscar, empinado nos seus três anos e agarrado ao seu tambor de lata, não demonstre qualquer interesse nisso, tento pô-lo a repetir comigo o poema, devagarinho. Juntos

acariciamos cada palavra, cada verso, cada estrofe, e os dois, a uma só voz, chamamos o albatroz que plana lá longe sobre o mar, também ele azul-de-aço. Assim é a nossa ilha.

Gostaria de dizer que foi aí, nesse jardim diante do mar, depois de tudo o que aconteceu, de tudo o que dizem que vivi – mas que considero terem sido apenas coisas que *passaram* por mim como um vendaval por entre as folhas de uma árvore, arrancando-lhe dos ramos as nuvens ou os pássaros –, foi aí, dizia eu, que despi a pele dessa personagem, desse impostor que fui eu próprio.

Este seria, sem dúvida, um belo final para a minha história, mas infelizmente não passa de mais uma invenção, de uma nova impostura. Nada do que aconteceu poderia ter tido um final assim, tão sereno, quase seráfico, debaixo de uma grande figueira, defronte da imensidão azul, brincando com o meu filho, trincando gomos de laranja e recitando poemas. A nossa ilha imaginária é um lugar ao qual só chegarei depois de naufragar e morrer.

Nessa vida que me deixou, que eu deixei, procurei tornar-me igual aos outros, sempre sozinho a enfrentar a minha diferença, só eu vendo reflectido no espelho aquele bufão que se apresentava aos demais, sacudindo os guizos do barrete e as borlas das calças. Estas palavras podem parecer-vos, como as flores-nuvens, os figos-pássaros, um tanto enigmáticas, mas a existência encerra o seu enigma, é em si mesma um indecifrável mistério – e, inexoravelmente, já que uma vida, mesmo longa, não chega para o desvendar, levá-lo-emos connosco para a cova.

Na Flandres, não houve figueiras, nem pássaros verdes. Voavam na metralha, batendo as asas, tiros de artilharia que eram abutres, despedaçando e trucidando, o gás-mostarda como a praga bíblica dos gafanhotos e as outras peles que nos vestiam, a fome, o medo, a escuridão de cada uma das noites, a lama. Houve muitas existências carregando o seu enigma para a sepultura. E, depois das covas, cruces, muitas campas,

mais cruces, umas de madeira, outras de ferro. E eu fui, nesse tempo, a braços com uma pá ferrugenta de tinta descascada no cabo, cavador de valas, fazedor de trincheiras e, quando calhou (e calhou muito), também maqueiro e coveiro, por saber dar bom uso à minha velha sapa. Ao mesmo tempo, fui soldado e enquanto fui soldado, tive outras funções, sempre secretas. Podia, tal um cão pisteiro, como antigamente na serra beirã onde fica a minha aldeia, encontrar quem se perdia entre montes e vales e, depois, os desaparecidos em combate, os desertores, os caídos por entre as trincheiras na terra de ninguém, nesse estranho *billard*, sob um nevoeiro de fagulhas e gelo. E sempre, por baixo do tecido da minha farda, por baixo da minha pele, arlequim, pantomineiro, palhaço.

De ambos os lados das trincheiras, chamaram-lhe clarividência. E isso, para mim, era um assombro, eu que nesse tempo vivia metido numa escuridão labiríntica, só com as pernas e os braços de fora do círculo negro por serem demasiado compridos. Mas, no princípio, tal como na pia baptismal, fui apenas Mateus, e depois voltei a ser apenas Mateus, embora outro. Por fim, perdi a clarividência ou, quem sabe, apenas tenha fingido perdê-la; e, ao contrário do que imaginei, não encontrei a paz à sombra de uma figueira cujas flores brancas, na Primavera, são nuvens, e cujos figos maduros são, no Verão, pássaros verdes. E tão-pouco colhi figos-da-índia deleitosos e alaranjados como a polpa dos ouriços-do-mar à beira de uma arriba, o olhar a seguir o voo de um albatroz. Mas ao amor encontrei-o finalmente, encontrei-o e reconheci-o num rosto, o rosto de Georgette. Não sei dizer se isso me salvou, sei apenas que ao encontrá-lo e ao reconhecê-lo se rompeu para sempre a película inviolável em que se aprisionavam os sentimentos e, desse saco de gatos, nasceu um novo Mateus. É certo que ao amor não voltei a reconhecê-lo noutra rosto e, por isso, dei-lhe sempre o mesmo nome e os mesmos traços mesmo quando, procurando, abraçava outras mulheres.

A verdade é que estou morto, acabo de morrer. Dir-me-ão, os mortos não podem recordar, mas, como já disse, eu fui *diferente*, e por isso mesmo – por estar morto –, posso contar a minha história, ao contrário daqueles cuja morte calou o enigma das suas existências para sempre.

Se a minha história acaba com uma figueira, mesmo imaginária, começa da mesma forma. Havia uma figueira no pátio da minha casa de pedra, na minha aldeia. Era uma figueira raquítica, de ramos curtos que se amarfanhavam sob o uivo dos lobos e o céu de chumbo, sempre rasteiro e feroz. No inverno, perdia toda a folhagem, enfrentado nua os rigores, tal como eu os enfrentaria, amanhecendo e anoitecendo, dias a fio, meses a fio, enterrado vivo numa trincheira.

Resistiu a muitos invernos no alto da serra, tal como eu, lá longe, sobrevivi ao mais ermo inverno. Quando pela última vez subi a encosta da serra para dar sepultura à minha pobre mãe e entregar a minha irmã – um pequeno ser desconhecido e frágil – aos cuidados de umas tias, olhei-a com espanto. O tronco tornara-se largo e forte, possante como um ogre, e as raízes levantavam as lajes do pátio. Abraçando-a, tomara a latada, entrelaçando os seus ramos com os da vinha-morangueiro. Crescera. Projectava-se, mirífica, sobre as paredes de xisto negro da casa, tornada portentosa, talvez tanto como a figueira do meu jardim imaginário à beira-mar.

Na serra, como diziam os velhos, nem os figos tinham píncaro, e comíamos-los, acabados de apanhar, dulcíssimos apesar de ressequidos, o meu pai e eu. Nunca lá vi pássaros verdes. Também eu, como essa pobre árvore, era uma fortaleza, a quem porém faltou viver parte da vida, sempre enfiado na pele de um bufão, de uma *persona* de máscara grega, que diziam chamar-se Mateus Mateus. Essa foi, inexorável, a minha tragédia. Mas, agora Mateus Mateus morreu, posso enfim falar.

Poderia começar a contar a minha história em detalhe, seguindo a cronologia dos acontecimentos, mas correria o risco de ser maçador e, além disso, já não me resta tempo suficiente. Nesta altura, o meu corpo, esse fardo comprido e desajeitado que carreguei para todo o lado revestido da pele de uma pessoa normal, renovada de tempos a tempos como a de uma cobra, jaz estendido num lamaçal. Em breve, virão buscá-lo.

Os dedos na minha mão direita tocam a minha *luisinha* de tambor esvaziado, caída. A ponta da baioneta partiu-se, ficou presa a atravessar o corpo tombado à minha esquerda, a dois passos do meu, o corpo do inimigo. No último momento, a granada de mão detonou, acabando ambos estendidos lado a lado, as solas das botas a apontar ao nariz um do outro. Mais além, outros, tombados, já roídos pelo abandono e pelos vermes, combatentes da Tríplice Entente e da Tríplice Aliança, como nós, finalmente unidos num idêntico estertor. A morte, a democrática morte, tudo iguala em número de varejeiras.

Por cima de mim, o céu abraça o mundo, um céu cansado de chorar que ameaça desabar a qualquer momento. Só me resta esperar. Hão-de vir para os boches ou para o que deles sobra, maqueiros e coveiros, e hão-de me cavar também um rectângulo, como tantos que abri, ali mesmo, naquela terra de ninguém, entre trincheiras.

Na cruz de madeira, ler-se-á “*Hier liegt ein tapferer Portugieser*” e, num futuro não muito distante, meninos a rufarem os seus tambores de lata, como o meu putativo filho Oscar, marcharão por estes campos, esmagando as papoilas sob os tacões frívolos das botas cardadas. Sobre a cal das sepulturas, já na próxima Primavera, no entanto, florescerão papoilas aos molhos, as hastes a tremerem na brisa, as pétalas coradas pelo sangue vertido. Se tiver sorte, pode ainda vir a ser que estes ossos, de novo alinhados como na parada, vão parar um dia ao cemitério que hão-de erguer – numa

nesga de terra ofertada para que Portugal lhe possa chamar sua – nos arredores da aldeia de Richebourg.

Tenho de ser rápido a contar a minha história pois tudo isto se resolverá em breve. A guerra, dita a Grande, palavra paradoxalmente pequena para lá caber todo o horror, acabou hoje, a 11 de Novembro de 1918, numa carruagem imobilizada, como esta velha Europa, na linha férrea entre dois apeadeiros em ruínas: adiante assomam as casas de um lugarejo chamado Rethondes. E, também o porvir é já um presságio de ruína, um pequeno travessão entre duas *grandes* guerras.

Por todo o lado, das aldeias beirãs às normandas, de Lisboa a Paris, redobram-se as manifestações de júbilo pelo Armistício. Há foguetes, bailaricos, gente que nunca antes se falou agora troca os pés e dança, come pão com chouriço, bebe cidra ou vinho traçado e na minha aldeia beirã, água-pé e sopa de castanha pilada. Os sinos repicam sem cessar, numa alegria debochada e, depois, voltam a repicar, de tristeza, por aqueles que a gripe espanhola vai levando. A morte nunca está saciada e continua a afadigar-se no meio da alegria colhendo as flores em falta no seu ramo de noiva.

Na linha da frente, as últimas balas zuniram às 10:59h da manhã deste dia onze. Às onze horas do dia onze do mês onze o mundo pode finalmente sentar-se à beira do caminho e, apesar de desfeito, suspirar de alívio. Chegou o fim da guerra, a besta fechou a bocarra.

Lembro-me bem quando, das linhas inglesas às nossas, por contágio, de ouvido em ouvido, correu a notícia, Constantinopla foi tomada, terminou a guerra. Durante vários dias, gritávamos bem alto, em coro, tentando fazer chegar a mensagem ao outro lado da terra de ninguém. Aprendemos até a dizê-lo em alemão, para não desperdiçarmos sermos entendidos. Acreditávamos, queríamos acreditar. Esta frase vencedora, um boato, uma tentativa de desmoralizar o inimigo, foi, a pouco e pouco,

vencendo quem a dizia. Se Constantinopla tivesse sido tomada, se a guerra tivesse acabado, estaríamos ainda ali a gritá-lo? Acabámos a beber o nosso próprio veneno. Constantinopla não foi tomada nesse dia, nem nos meses seguintes. A guerra não acabaria tão prestes. Desse episódio, restou a frase, invertida no seu significado, como um escorpião que se pica a si próprio. Ontem, sim, Constantinopla finalmente caiu.

Porém, mesmo depois de assinado o Armistício, por volta das 05:30 desta madrugada, os contendores continuaram a matar-se uns aos outros até à hora onze (do dia onze do mês onze) porque a guerra é uma besta, um animal incansável e sedento cujo ímpeto lhe devorou as próprias entranhas. Durante toda a manhã, depois de firmada a trégua, centenas pereceram ainda de ambos os lados da terra de ninguém. Na margem aliada, o último morto oficial foi registado às 10:59, um minuto antes do cessar-fogo. No entanto, percorrendo os cemitérios militares, de ambas coalizões, não nos depararemos com um único morto desse dia onze. A vergonha ordenou, nos epitáfios das campas dos últimos caídos, a adulteração da data da morte, em regra adiantada um dia.

Contudo, o último morto oficial desta guerra não foi o seu último morto, nunca o é – e devo confessar-vos, eu, Mateus Mateus, sou o culpado disso. Mas não gostaria de passar já ao final da minha história. Antes, contarei, ou pelo menos tentarei contar o mais fidedignamente possível, pois a minha memória por vezes trai-me, como tudo se passou.

Cheguei a Lisboa numa manhã de Janeiro de 1917 – tinha dezoito anos acabados de completar e guia de alistamento no Corpo Expedicionário Português –, depois de passar por um período de instrução em Tancos, desfilar na Parada de Montalvo e ficar – um círculo reduzido a um mero pontinho entre vinte mil homens –, a

aguardar ordem de marcha num dos quatro navios ingleses ancorados no Tejo. Durante esses dias, a cidade manteve-se sempre macilenta, uma luz parda a tentar romper as nuvens sobre o casario cerrado.

Quando já todos desesperavam, o meu navio por fim apressou-se a partir e, no cais das despedidas, beijos, abraços e lágrimas volteavam como gaivotas. Uma rapariga despedia-se de um soldado muito jovem, o lenço a descair-lhe sobre o apanhado de cabelos negros numa testa trigueira. Imaginei-a a despedir-se também de mim, agitando o lenço no ar, as mãos e as palavras já de saudade, as lágrimas a rolarem-lhe pelas faces, o corpo em espasmos, e tentei puxar de dentro de mim um sentimento qualquer. Porém, nada. Não passava de um lencinho ao vento, de lágrimas que não eram as minhas, nem o era a rapariga, nem sequer a luz daquele céu, nem o voo picado das gaivotas, nem a ordem de desamarração. A âncora foi içada, rangeram os cabos e o navio estrepitou como se soltasse um suspiro de alívio. A tripulação correu, atenta, empenhada, afadigando-se, e o cais, as docas, as pessoas ao longe, esfumaram-se pouco a pouco. Nada daquilo era meu, e nada, absolutamente nada, penetrava o círculo negro.

Fiquei debruçado na amurada durante muito tempo, até perder de vista o lencinho ao vento, a rapariga, o cais das despedidas; até se deixarem de ouvir os gritos das gaivotas, pungentes como uma chuva de lâminas; até a linha da costa se diluir, o horizonte se fechar numa imensa circunferência azul onde avançava, decidido, o pequeno ponto do navio em cuja amurada eu me debruçava, agasalhado no meu inexorável círculo negro. Se nesse momento me olhasse ao espelho, veria emergir dois olhos, dois rasgos azul-da-prússia batendo como asas de gralha, tão desalmados como os de um morto.

Limitado a meras tarefas de rotina e à incontente espera, passei os três dias de viagem na camarata do porão, excepto às refeições e à hora da parada no convés.



Deitado no catre, com a cabeça numa almofada onde outra cabeça já moldara uma cova, ficava, a rodar uma laranja entre os dedos, com os olhos pregados nas tábuas do beliche superior, perseguindo as passagens dos percevejos, a lembrar o lencinho ao vento.

Como uma espécie de ensaio geral, tentei imaginar os sentimentos nessa outra cabeça que ali se pousara também. A minha imaginação, porém, ainda pouco treinada, não foi muito além, limitei-me a pensar, onde estará, por onde andará agora, terá sentido saudades de casa, da família, da mãe, de um lenço a adejar, ter-se-á arrependido, terá suspirado e, amedrontada, terá adormecido por fim, e adormecido como eu, terá sonhado, com a cabeça enterrada nesta almofada?

Mais tarde, o rosto daquela rapariga trigueira no cais das despedidas, ao mesmo tempo frágil e decidida, perdeu-se para sempre, os seus traços diluídos no esquecimento, enquanto nele o tempo esculpia o rosto de Georgette. E, por estranho que vos pareça, essa recordação fictícia passou a ser uma das minhas mais queridas memórias.